

2325005,0285,12755(52

\$8548,817

60555\$

7,98260\$2

127 0250,105516(

Regina Célia de Lima e Silva*

Resumo

Trabalho que faz parte de tese de doutorado que está sendo desenvolvida em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense e que tenta desvendar a relação da narrativa de Carlos Magno com a religião do tambor de mina no Maranhão. A pesquisa tem como foco principal questões relativas à memória e à oralidade, na tentativa de encontrar o fio que une literatura e religião, sendo a yalorixá o elemento principal desse elo.

Palavras-chave

Narrativa. Religião. Memória. Oralidade.

Abstract

This work is part of a doctoral thesis that is being developed in Literature Studies by the Federal Fluminense University and tries to unveil the relation between the Charlemagne narrative with the religion called tambor de mina in Maranhão. The research focuses primarily on issues related to memory and orality in an attempt to find the thread that binds literature and religion, and the yalorixá is the main element of this link.

Key Words

Narrative. Religion. Memory. Orality.

Primeiras palavras

Esta comunicação faz parte de uma investigação para tese de doutorado que está apenas em seu início no curso de Letras pela Universidade Federal Fluminense e que tem a intenção de observar a forte influência de uma história que passou de geração em geração pela voz de muitos anônimos desde a Ibéria até as terras brasileiras. *A História de Carlos Magno e dos doze pares de França* preencheu o imaginário de crianças, homens e mulheres do Nordeste quando eles não tinham sua própria história. Sua formação se fez pelo encontro de culturas diversas, muitas delas estrangeiras, como as dos africanos e europeus, que entraram no Brasil sem pedir licença e aglutinaram-se à cultura do caboclo e do índio. Dessa mistura

* Doutoranda em Estudos Literários da Universidade Federal Fluminense (UFF).

surgiu um sertanejo de pensamento peculiar, que apreciava as lutas, as batalhas, as contendas de cavaleiros, a religiosidade e os mitos africanos.

Ao interpretar-se a permanência de Carlos Magno no Brasil diz-se que o significado deste componente que se costuma chamar de imaginário do Sertão vai se constituir como “o único modelo histórico acessível para uma plebe que não tem história” (MONTEIRO apud FERREIRA). Em lúcido raciocínio, alcança-se o ponto em que a história e estória associadas podem preencher uma lacuna. Ainda a explicar esta persistência, bastante lógica a argumentação de que, entre a instituição presente e a sua correspondente de passado remoto, existiria uma continuidade existencial, assumindo a história de C. M. uma forma ritual. (FERREIRA, 1979, p.74).

É o ritual que traz os personagens lendários e às vezes ficcionais para fora das páginas dos livros ou da mente do povo para uma convivência, além de sagrada, quase humana. A história de Carlos Magno tomou proporções mais do que lendárias ou míticas e ocupa o espaço religioso. Além de estar presente nas festas populares ela entra na vida do sertanejo como exemplo de redenção e de possibilidade de seu ingresso a um mundo de mais recursos, diferente de sua vida difícil no sertão.

Mergulharei nesse mundo sagrado ao qual, as aventuras de um rei, sua corte e seus soldados vinculou-se. Começarei por alguns questionamentos que se fazem importantes para essa empreitada.

De acordo com a antropóloga e pesquisadora Mundicarmo Ferretti foi descoberto no Terreiro da Turquia, no Maranhão, em 1969, um exemplar em prosa de Carlos Magno. Tal livro era guardado por Dona Zeca, filha da fundadora do terreiro e que lhe foi presenteado por sua madrinha, em 1934 (1995). Deduz-se que como o livro tenha sido preservado por cada yalorixá, que o recebeu de herança, ele serviu de matriz para o culto aos encantados naquele lugar específico. A primeira pergunta a ser feita é se realmente uma narrativa longa, de pelo menos duzentas páginas, como a tradução de Moreira de Carvalho, seria lida por aquelas mulheres para seus filhos de santo? Não seria mais fácil a memorização da história para ser recontada por aquelas mães aos seus filhos? Não haveria a possibilidade dos conhecidos livretos de cordel preencherem o imaginário das mães de santo com as aventuras de Carlos Magno e não apenas a narrativa em prosa lhes

serviria de documento fornecedor dos dados necessários para sua contação de histórias? Como aconteceu a transmissão da narrativa e por quê só alguns dos seus personagens aparecem na encantaria? Como se vê estes são apenas alguns questionamentos que surgem num primeiro momento e que tento responder no transcurso da pesquisa.

O tambor de mina, encantados e o Terreiro da Turquia

A religião do tambor de mina nasceu no Maranhão, pois ali houve uma grande penetração de escravos vindos da África nos séculos XVIII e XIX. No final do século XIX os negros forros começaram a formar grupos religiosos que equivaliam ao candomblé baiano e ao xangô pernambucano. Sua denominação diferente, mina, vem de um forte português do mesmo nome, localizado na antiga região de Guiné (FERRETTI, 2004, p.197-198). Desde que surgiu, a mina tornou-se muito forte naquela região e o número de casas catalogadas chega a quase seis mil até hoje. Algumas delas tiveram extrema importância por formarem toda a tradição da mina naquela região. A primeira e mais importante denominou-se de Casa das Minas, constituída só de mulheres. As outras são: A Casa de Nagô, o Terreiro do Egito e o Terreiro da Turquia.

O Terreiro da Turquia, espaço sagrado ao qual me reporto especialmente nesta pesquisa, está localizado em São Luis e teve como sua mais importante representante a Mãe Anastácia, já falecida. Aberto no final do século XIX é dirigido hoje em dia por Pai Euclides. Ali, cultuam-se orixás, voduns, caboclos e encantados.

Naquele terreiro foi encontrado um exemplar da *História do Imperador Carlos Magno e dos doze pares de França* em 1969, com Dona Zeca, filha da sua fundadora e que lhe foi presenteado por sua madrinha, em 1934 (FERRETTI, 1995). O livro é uma tradução de Jerônimo Moreira de Carvalho para o português do original espanhol de Nicolás de Piamonte. Aquela tradução foi bastante difundida no Brasil e chegou aqui pela primeira vez no século XVIII (CÂMARA CASCUDO, 1953, p.444).

De origem africana, mas que mistura elementos do branco e do índio, o tambor de mina tem grande representação e respeito pelo povo daquele estado, tendo sido levado para outras regiões do Brasil, como a Sudeste, pois caiu no agrado de muitos que se interessaram em divulgar a religião para além de seu pequeno território. Possui características peculiares e que chamam a atenção por

diferenciar-se em certa medida de outras religiões de matriz africana. Apresenta rituais vinculados aos cultos aos orixás, assim como festas, danças e cânticos embalados por tambores que ajudam no contato mais íntimo e profundo com o divino.

Como já documentado por pesquisadores importantes como Pierre Verger, a ligação entre os vivos e os ancestrais cultuados nas religiões africanas é feita nos rituais onde o transe mediúnicos é uma praxe. Nesse caso os espíritos como os dos caboclos e dos encantados se fazem presentes aproveitando aquele instante de êxtase dos vivos para voltar a Terra.

Dentro do grupo de entidades do Tambor de Mina destacam-se os encantados. Eles são espíritos de pessoas que viveram na Terra, mas que não morreram, apenas se encantaram, passando a habitar uma região chamada de “encante”, sendo que ela pode ser uma cachoeira, uma mata, um rio ou outro ponto qualquer da natureza (MAUÉS e VILLACORTA, 2004, p.20). Geralmente são nobres e cujas informações chegaram aqui no imaginário dos nossos colonizadores. No artigo *As duas africanidades estabelecidas no Pará* encontramos uma explicação que resume bem o que são os encantados.

Além deles citamos os “nobres gentis nagôs” ou “senhores de toalha” que são os donos do poder, representados pela nobreza européia, principalmente de países cristãos. Esses personagens, de alguma forma possuem relação com o processo de expansão marítima e com a colonização do Brasil. Personagens hierarquicamente importantes, muitas vezes referidos como “os brancos”, que tematizam, cada um ao seu modo, valores como o cristianismo, lusitanismo, hierarquia, nobreza etc... Entre esses destacamos Rei Sebastião, D. José, D. Manuel, D. Luís, D. João, Marquês de Pombal e outros; pessoas reais que cruzaram os limites da vida e passaram a ser adorados. (CAMPELO e LUCA, 2007, p.16).

Muitos são os espíritos encantados. Estes se dividem em grupos ou famílias, que têm suas características próprias e são compostas por reis, rainhas, príncipes, princesas e nobres. As mais conhecidas são a Família da Turquia e a do Lençol. Um dos encantados famosos e que faz parte da Família do Lençol é o Rei Sebastião, o mesmo que deu origem a muitas tradições populares pelo Brasil. Para quem já leu algo sobre a batalha de Alcácer-Quibir, logo reconhecerá este personagem

que foi morto naquela ocasião.

Uma das lendas que envolvem o Rei Sebastião ou Don Sebastião é a de que quando Portugal caiu sob o domínio da Espanha por sessenta anos, afirmava-se que ele não morreria na batalha. Julgava-se que se havia encantado e que prometera voltar à Europa para acabar com o jugo de seu povo (PRANDI, R. e SOUZA, P. R. de, 2004, p.18). Como conseqüência de seu encantamento o rei teria vindo parar em terras brasileiras e uma de suas moradas seria a conhecida ilha dos Lençóis. Assim, temos o exemplo de como um dos encantados veio fazer parte da mina.

Além de Don Sebastião, outros de igual importância se apresentam na mina, como Don Luis (rei de França) e personagens ligados, às narrativas das cruzadas e das guerras de Carlos Magno.

Dentro deste estudo, aqueles, que são o alvo de meu interesse, são alguns dos que aparecem na história narrada no livro *História de Carlos Magno e dos doze pares de França*. De qualquer maneira não poderia deixar de citar Don Sebastião para explicar como eles foram sendo assimilados por uma religião de base africana. Suas lendas e histórias foram importantes para sua incorporação à mina e como faziam parte do imaginário do povo elas teriam sido facilitadoras na transmissão de dados sobre figuras, muitas vezes lendárias, como aquele personagem histórico.

O livro de Carlos Magno era muito popular, principalmente no interior do país. Não havia casa que não tivesse um exemplar daquela história e o sertanejo conhecia muito bem as façanhas de seus personagens (CASCUDO, 1953, p.442). Suas aventuras se tornaram tão presentes em nossa cultura popular que entraram para o repertório das danças, como as cavalhadas e cheganças, aparecem na poesia de cordel e influenciam até as religiões, como o tambor de mina.

O grupo de espíritos encantados é grande. São divididos em famílias, que são compostas por caboclos, reis, rainhas, príncipes, princesas e nobres. As mais conhecidas são a Família da Turquia e a Família do Lençol. Alguns dos encantados famosos são os Reis, já mencionados anteriormente, Sebastião e de França, ou chamado também de Don Luis.

A Família da Turquia tem grande destaque na Mina e os mitos que a envolvem também. Ela é diretamente relacionada à narrativa de Carlos Magno e seus personagens turcos foram acolhidos naquela religião sem preconceito.

Fora o Ferrabrás (Rei da Turquia), foram também ali recebidos: o Almirante Balão (seu pai), Floripes (sua irmã), e a princesa Angélica (que casou com Roldão, sobrinho de Carlos Magno). É possível que mais alguns daqueles personagens tenham entrado na mina com outros nomes, integrando-se à família do Rei da Turquia, pois alguns dos filhos de Seu Turquia são ligados a lugares onde ocorreram lutas entre mouros e cristãos (Guerreiro de Alexandria, e Mensageiro de Roma), como já tivemos oportunidade de assinalar. (FERRETTI, 2007, p.4).

Muitas histórias são contadas para explicar a chegada do Rei Turco ou Ferrabrás ao Tambor de Mina.

Circula também nos terreiros de São Luís uma versão, divulgada por Rosário SANTOS (1986, p.54), segundo a qual o Rei da Turquia chegou no Maranhão à procura de suas filhas, versão esta inteiramente compatível com a história de Mariana contada por Pai Francelino de Xapanã (SP), em transe com aquela entidade, segundo a qual o Rei da Turquia por ocasião de um dos seus muitos combates, diante de uma derrota eminente colocou três filhas suas num navio que rumou para Porto Seguro (Bahia), que desviado pela correnteza, naufragou na costa do Maranhão. Mariana, Jarina e sua outra irmã foram acolhidas pelo Rei Sebastião, já instalado com toda a sua corte na praia dos Lençóis (MA), após a batalha de Alcacer Quibir, onde foi dado por desaparecido. (2007, p.5).

O interessante é constatar que personagens do livro de Carlos Magno se destacam na religião do tambor de mina. O próprio Carlos Magno, Oliveiros ou mesmo Roldão, que eram os cristãos e grandes heróis daquela história, não foram assimilados pela religião. Ao contrário do que se poderia imaginar a mina incorporou exatamente os que fariam parte do “lado negativo” ou “mal” das representações folclóricas populares, os turcos.

Para explicar melhor esta questão lembremos que em várias dessas representações existe sempre uma luta entre o bem e o mal. No imaginário popular o bem geralmente se afigura como os cristãos e o mal como os mouros ou turcos. Nas cavalhadas, por exemplo, os soldados mouros se vestem de

vermelho e sempre perdem a batalha contra os cristãos, que se vestem de azul. A contenda é praticamente uma guerra santa, onde o mouro inimigo é pagão e traidor (FERREIRA, 1993, p.71). Sua única salvação é a conversão ao cristianismo, que é o que sempre acontece no final das festas. Assim eles podem ser aceitos e perder o status de gente malvada e que poderia trazer maus augúrios para a localidade onde os festejos se realizam.

Diferente disso, no tambor de mina os turcos são tratados como seres valentes e que vão trazer a cura e a solução para os males humanos. Não são necessariamente conversos, pois o que se apresenta naquela situação é uma religião que abraça tanto os conceitos cristãos europeus como os da cultura africana e indígena.

O Terreiro da Turquia tem muita importância na valorização dos personagens turcos na encantaria maranhense, que nela se metamorfoseiam em entidades espirituais. Pelo próprio nome do terreiro nota-se a sua relevância naquele lugar. Além disso o chefe espiritual da casa é o Ferrabrás de Alexandria, o mesmo gigante que lutou contra os Pares de França no livro de Carlos Magno e que era a entidade com a qual Mãe Anastácia trabalhava. Pergunto-me como foi construída esta relação entre ela e a entidade de origem turca Ferrabrás? Terá sido aleatória essa escolha? Por quê os personagens cristãos, como Oliveiros, por exemplo, não entraram para a mina? São questões que precisam ser respondidas e que talvez guardem uma relação com outras que ainda estão sendo observadas nesta pesquisa e que mais adiante retomaremos. Neste momento vou aprofundar-me um pouco mais na compreensão da estreita ligação entre Mãe Anastácia e o livro *História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França* e o tambor de mina maranhense.

A yalorixá, o poder de sua voz, dos instrumentos e da performance.

As religiões de matriz africana, como o candomblé, o xangô e o tambor de mina, por exemplo, são instituições religiosas, sociais e culturais complexas. Possuem seu próprio universo simbólico e todos os envolvidos se vinculam a elas pelos orixás (JOAQUIM, 2001, p.37). O seu funcionamento segue uma rigorosa escala hierárquica em que cada pessoa exerce sua função de acordo com o cargo que possui e que foi designado pelo orixá. Na ponta dessa hierarquia encontramos

o babalorixá (homem) ou a yalorixá (mulher), que são o elo entre os ancestrais, orixás e os homens. Mas, além de exercerem sua função transcendental, lideram suas comunidades sob leis rígidas às quais todos devem obedecer para que o caos não se instaure naquelas pequenas sociedades.

A yalorixá é a dona da voz no terreiro. Todos os seus conhecimentos e segredos são passados oralmente. Seus filhos aprendem as tradições através dos ritos, festividades, preparativos de oferendas e principalmente pela transmissão oral. De acordo com Juana Elbein dos Santos sendo a yalorixá a sacerdotisa suprema e a que detem os maiores conhecimentos do terreiro (2008,p.43 a 46) é a que repassa pela voz tudo o que aprendeu, de ouvido. É pela boca da yalorixá que se sustenta o imaginário, que se nutrem e se confirmam os mitos (ZUMTHOR, 2001,p.67). A força vital do terreiro, chamada de axé, é passada por ela através da palavra, que ultrapassa seu conteúdo semântico e adquire poder de realização. Conjuntamente à palavra outros fatores colaboram para que o axé seja transmitido, como os gestos, o movimento corporal, a respiração e o hálito (JOAQUIM, 2001, p.79). Dessa maneira a grande sacerdotisa consegue angariar para si o respeito e a confiança de todos os que seguem seus desígnios.

Além do axé, todos os ensinamentos dados pela yalorixá, que tem essa força reconhecida, podem ser mais facilmente assimilados por questões que fogem o espaço do terreiro. Geralmente este se encontra em lugares onde a educação formal é precária e o analfabetismo é um dos elementos que fazem parte da realidade de seus filhos. No caso do Terreiro da Turquia não seria diferente. Ao transmitir a história de Carlos Magno por via oral Mãe Anastácia não deve ter encontrado obstáculos em unir um texto de origem europeu à mitologia do tambor de mina e ser aceita sem restrições.

Paralelamente à yalorixá, os rituais, que se realizam com pontos cantados e de movimentos de dança, associados aos sons dos atabaques facilitam o aprendizado de toda uma mitologia pelos filhos do terreiro. No caso dos pontos cantados a palavra poética transmitida, incontáveis vezes, favorece a migração dos mitos e de temas narrativos (ZUMTHOR, 2001, p. 73).

Como afirma Zumthor a palavra proferida cria o que ela diz (2001, p.75) e se pensamos no caso da presença dos personagens da história de Carlos Magno na mina através do transe mediúnico essa recriação estaria vinculada primeiramente à voz da yalorixá e em segundo lugar à força dos pontos cantados.

E mais, a força da voz da yalorixá

adquire tal poder de ação, é porque ela está impregnada de àxe (axé), pronunciada com o hálito – veículo existencial – com a saliva, a temperatura; é a palavra soprada, vivida, acompanhada das modulações, da carga emocional, da história pessoal e do poder daquele que a profere (2008, p.46).

Podemos entender então que os personagens da história de Carlos Magno ressurgiriam no terreiro pelo hálito da yalorixá.

De acordo com Walter Ong, em seu livro *Oralidade e Cultura Escrita*, há outro dado muito importante que pode fazer-nos entender o que acontece entre a mina e a história de Carlos Magno. Os personagens deste livro que aparecem nos cultos provocam muita admiração pelos seus participantes, por seus atos heróicos e grandes façanhas. A memória oral não aceita personagens sem importância (1998, p.83). Ferrabrás, por exemplo, era um gigante que lutava em grandes batalhas. Floripes, princesa e irmã de Ferrabrás, libertou alguns dos Pares de França da cadeia em que seu próprio pai os havia colocado. Os dois personagens se encontram na mina e são muito admirados pelos que fazem parte dela.

Ainda considerando a teoria de Walter Ong, ele aborda a questão da oralidade, memória e os rituais. Como eles são constantemente repetidos, possuem uma estrutura formular e preservam determinado conteúdo (1998, p.78), com os mesmos mitos, simbologia e músicas, isto facilitaria a retenção pela memória e toda uma tradição se manteria viva. Somando-se a estas questões estão a performance e os instrumentos utilizados nos rituais, no caso, os tambores, que auxiliam nos pontos cantados e na dança dos membros do grupo (1998, p.81). Sacralizados, estes instrumentos anunciam a palavra verdadeira, exalam o sopro dos ancestrais. Sua batida acompanha a voz e sustenta sua existência (ZUMTHOR, 2010, p.188).

Fonte e modelo mítico dos discursos humanos, a batida do tambor acompanha em contraponto a voz que pronuncia frases, sustentando-lhe a existência. O tambor marca o ritmo básico da voz, mantém-lhe o movimento das síncopes, dos contratempos, provocando e regando as palmas, os passos de dança, o jogo gestual, suscitando figuras recorrentes de linguagem: por tudo isso ele é parte constitutiva do “monumento” poético oral (2010, p.188).

A percussão, como linguagem poética reveza com o canto no decorrer da performance. Dessa maneira, ele ajuda a conservar os discursos na memória (2010, p.189). É elemento privilegiado em determinadas culturas, como a africana, por fazer parte de sua tradição e principalmente por ter um alcance muito maior que a voz e que leva para lugares distantes as mensagens dos ancestrais.

Não sem razão, os instrumentos, em conjunto com a voz e o movimento do corpo, favorecem a memória nesse caso, pois a oralidade implica em mobilidade e não seria natural a rigidez em uma situação tão específica como a ritualística. Guardar na memória uma história através de um ritual, que se repete desde tempos imemoriais, é muito mais fácil do que se ela fosse contada por um narrador imóvel para um grupo também imóvel.

Os ritos africanos levam muito a sério a palavra, que ritmada e cantada, retém o poder da vida e da morte (2010, p.296). Foi dentro dos ritos arcaicos que surgiu a poesia oral, como afirma Zumthor, sendo que para ele o rito é aquele que se insere num determinado grupo social que se preocupa em assegurar sua relação com o divino. Essa relação se constrói e se atualiza quando se transforma em drama vivido através do gesto, da voz declamada ou cantada (2010, p.297). A voz ritual, como palavra secreta e imperativa, traz a divindade de um outro espaço para o meio do grupo. O rito se transforma em imagem teatralizada e é no centro do terreiro que há o grande encontro das vozes, dos instrumentos da performance e dos mitos revividos.

A fé entra pelos ouvidos e a palavra pronunciada agrupa, reúne (1998, p.88) No tambor de mina, como em outros grupos de religião africana, é a palavra cheia de axé das sacerdotisas, somada aos pontos cantados e aos rituais, que dão força ao grupo, que fazem com que ele se mantenha e que preserve as tradições trazidas de outras culturas. Como não documentam seus ensinamentos, as yalorixás deixam para seus filhos um legado de conhecimento que sempre depende do outro para ser perpetuado e a união desses grupos é construída e reforçada pelos segredos que não podem ser escritos, porque podem perder o caráter secreto.

O sagrado e a oralidade andam de mãos dadas. Temos muitos exemplos, como a transmissão das mitologias gregas, de ensinamentos muçulmanos, das parábolas cristãs, enfim, tais histórias foram primeiramente contadas e só muito posteriormente passadas para o papel. Não precisaram da escrita para serem conhecidas, divulgadas e legitimadas. A fé nelas foi adquirida pelos ouvidos. As culturas africanas, culturas do verbo, rejeitam tudo que quebra o ritmo da voz viva.

O Verbo, força vital, vapor do corpo, liquidez carnal e espiritual, no qual toda atividade repousa, se espalha no mundo ao qual dá vida. Na palavra tem origem o poder do chefe e da política, do camponês e da semente. O artesão que modela um objeto, pronuncia (e, muitas vezes, canta) as palavras, fecundando seu ato. Verticalidade luminosa brotando das trevas interiores, ainda marcada, todavia, por estes sulcos profundos, a palavra proferida pela Voz cria o que diz. Ela é justamente aquilo que chamamos de poesia. Mas ela é também memória viva, tanto para o indivíduo (para quem a imposição de seu nome deu forma), quanto ao grupo, cuja linguagem constitui a energia ordenadora (CALAME-GRIAULE apud ZUMTHOR, 2010, p.66).

As vozes das yalorixás são o elo entre o sagrado e o profano. Sua voz poética fala uma língua comum aos mortais e aos deuses. Ela traz a marca do estranho e não é totalmente humana, sendo seu timbre, sua altura ou sua articulação diferente da nossa (2010, p. 297) Por serem seres diferentes de nós é que conseguem comunicar-se com o intangível. Também exercem forte liderança dentro da organização operacional do terreiro e contribuem não só para o desenvolvimento religioso do grupo, mas também social e cultural.

Como sacerdotisa dos Orixás, a mãe-de-santo detém um carisma, que é o conjunto de qualidades especiais da liderança derivada do próprio deus para atender às necessidades do candomblé, existindo um relacionamento uma mútua ligação íntima, entre a mãe e os membros. (JOAQUIM, 2001, p.40).

Pode-se concluir então que os grupos como os do tambor de mina se fortalecem e mantêm suas tradições pela força dessas yalorixás. Sua importância transcende o espiritual e invade o material, em lugares onde, muitas vezes, as necessidades de sobrevivência urgem e superam os problemas transcendentais. A sociedade tem em alta conta os anciãos e anciãs que procuram contar e conservar histórias de tempos remotos (ONG, 1982, p.52) e portanto, torna-se incontestável o poder dessas mulheres. A palavra é fêmea, uma conaturalidade liga-a à mulher; um aro fixado no lábio assegurará que é inofensiva (ZUMTHOR, 2010, p.67).

Se a princesa Floripes, Ferrabrás e o príncipe Balão estão entre as várias entidades encantadas da mina, muito se deve a essas zeladoras dos terreiros e,

como não também, zeladoras de uma cultura que se refaz a cada vez que aqueles personagens descem na guma¹. Além disso, suas façanhas conhecidas pelo povo através das repetições contínuas e reelaboradas da narrativa de Carlos Magno reforçam a sua preferência no imaginário dos praticantes da mina. Ferrabrás, por exemplo era um gigante que lutava contra os cristãos e que trazia nas costas número incontável de batalhas sangrentas. Floripes, sua irmã, não só se apaixonou por um dos pares de França, como resgatou alguns deles da prisão e foi se juntar aos cristãos. Seu pai, o almirante Balão, é também valente, não se converteu ao cristianismo e foi até o fim mantendo seus princípios e sua liderança como rei turco. Apenas estes elementos são suficientes para provocar a atração popular por estes personagens, pois ninguém se sentiria atraído por alguém de caráter frágil ou sem representatividade na narrativa. Um bom exemplo da admiração popular desses personagens heróicos aparece em outras representações, como as festas populares e a poesia de cordel. Leandro Gomes de Barros dedicou duas poesias à narrativa de Carlos Magno. Em *A Batalha de Oliveiros e de Seus Companheiros* há descrições que margeiam o fantástico para alguns daqueles personagens. Observem sua descrição de Ferrabrás:

(...)Ferrabraz era um gigante
 De corpo descommunal,
 Como nunca teve igual,
 Nos reinos do almirante,
 Elle sò, era bastante
 Para cinco mil guerreiros
 Oito dez mil cavalleiro
 Morreram pelas mãos d'elle
 E só tirou sangue d'elle
 A espada de Oliveiros (...) (BARROS, p.2)²

Descrições como estas e atitudes inesperadas, como o resgate dos pares de França por Floripes, fazem com que eles não passem despercebidos para o povo que consome, tanto a poesia de cordel como as narrações de cantadores nas feiras do Nordeste brasileiro. Dessa maneira não fica difícil entender como a admiração por eles tenha chegado também a uma religião de matriz africana como o tambor

¹Terreiro.

²Transcrição da poesia como no original.

de mina. É do imaginário do povo que todos ressurgem e ganham vida, pertencendo aos espaços de brincadeiras, festas e cultos e transformando-os em lugares mágicos, onde a cultura popular se mantém viva e está sempre se refazendo.

Referências

BARROS, Leandro Gomes de. *Batalhas de Oliveiros e Ferrabraz*. Recife, 1909. (Coleção digital da Casa de Rui Barbosa). Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=RuiCordel&pasta=&pesq=LC6062|LC6063|LC6064>>. Acesso em: 5 fev. 2008.

CAMPELO, M. M. e LUCA T. T. de. As duas africanidades estabelecidas no Pará. *Revista Aulas*, n. 4, UFPa, 2007.

CARVALHO, J. Moreira de. *Historia do Imperador Carlos Magno, e dos Doze Pares de França*. Tradução do castelhano ao português. Lisboa: Tipographia Rollandiana, 1863. Disponível em: <<http://www.google.com.br/books?id=keVulpYrstAC&printsec=frontcover&dq=historia+de+carlos+magno+e+os+doze+pares+de+fran%C3%A7a#v=onepage&q=historia%20de%20carlos%20magno%20e%20os%20doze%20pares%20de%20fran%C3%A7a&f=false>> Acesso em: 12 ago. 2011

CASCUDO, Luis da Câmara.

FERRETTI, M. M. R. A presença de entidades espirituais não africanas na religião afro-brasileira: sincretismo afro-ameríndio? In: ENCONTRO DE CIÊNCIAS DO NORTE-NORDESTE, 7., 1995, João Pessoa/ PB, Brasil. *Comunicação...*

_____. Repensando o Turco no Tambor- de - Mina. *Afro-Asia*, Salvador, v.15, p.56-70. Disponível em: <http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n15_p56.pdf>. Acesso em: 4 fev. 2008.

_____. Entidades caboclas na Religião afro-brasileira: a família do Rei da Turquia no Tambor de Mina. In: PRIMER ENCUENTRO DE CULTURAS AFROAMERICANAS, 1., 1991, Buenos Aires. *Comunicação...*

_____. *Encantaria maranhense: um encontro do negro, do índio e do branco na cultura afro-brasileira*. Disponível em: <<http://www.divinoemaranhado.art.br-pag-grl-lit-0600300003.doc>> Acesso em: 2 jul. 2011.

_____. *Encantados e encantarias no folclore brasileiro*. Disponível em: <<http://www.gpmina.ufma.br/pastas/doc/Encantados%20e%20encantarias.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2010.

_____. *Lugares sagrados e encantaria maranhense*. Disponível em: <<http://acaluz1.blogspot.com/2010/05/lugares-sagrados-e-encantaria.html>>. Acesso em: 18 jul. 2010

MAUÉS, R.H. e VILLACORTA, G.M. “Pajelança e Encantaria Amazônica”. In: PRANDI, Reginaldo. *Encantaria Brasileira. O livro dos Mestres, Caboclos e Encantados*. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita*. São Paulo: Papyrus Editora, 1998.

PRANDI, R. e SOUZA, P.R.de. “Os encantados do tambor-de-mina”. In: PRANDI, Reginaldo. *Encantaria Brasileira. O livro dos Mestres, Caboclos e Encantados*. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

SANTOS, Juana Elbein dos Santos. *Os Nagô e a morte*. 13.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz. A “literatura” medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Introdução à poesia oral*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.